



Posse na Academia de Letras e Artes do Nordeste

Alexandre Santos

Discurso de Posse na Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, em 31 de julho de 2003.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Graças à generosidade de meus pares, hoje ingresso na Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro.

Minha alma brilha de orgulho, refletindo a alegria daqueles que alcançam o elevado patamar das academias.

Ao fazer o juramento solene, assumi o compromisso de defender as tradições culturais e contribuir para o desenvolvimento do patrimônio literário e artístico da região. E, em troca, ganhei a ventura de conviver com os gênios, magos, bruxos e santos que a integram, fazendo da arte e da magia um caminho que realiza o sonho e o encanto que jorra ou que se esconde em cada um de nós.

Esta é uma das ocasiões mais felizes da minha vida e quero reparti-la com as pessoas que me trouxeram até onde estou hoje.

De início, quero compartilhar minha alegria com minha mulher, Adelaide Rego, que compreende minhas longas incursões no mundo dos sonhos, nas intermináveis veredas da ciência; e que, salvo um ou outro carão, aceita a desarrumação da minha biblioteca.

Quero compartilhar a alegria que sinto com meu querido filho, o jovem escritor Guilherme Wanderley, cuja pena, vezes suave, vezes ferina, descreve com maestria as profundidades do espírito, me provocando com questionamentos brilhantes que reprisam, a cada dia, a emoção que tive quando o vi pela primeira vez há 17 anos.

Quero compartilhar com meu irmão Durval Jorge e meus queridos primos Roldão, Antônio José, Rosa e Nena, que simbolizam o amor filial que nutrimos pelos nossos pais – Lúcia e Durval e Menininha e Antônio, que, infelizmente, não estão mais entre nós.

A alegria que sinto neste momento também deve ser repartida com os acadêmicos Vasco de Azevedo Neto, presidente da Academia Brasileira de Autores Solidaristas, que sempre emprestou sua sabedoria nos meus momentos de dúvida; Luiz Pinto Ferreira, que, como afirmei no livro Teoria do Valor, “me estimula a pensar”; William Ferrer, Presidente Emérito desta Academia, que iluminou a estrada pela qual venho trilhando na literatura; Sebastião Barreto Campello, que me abriu os olhos para a pureza do solidarismo; Maria do Carmo Tavares de Miranda, cujas palavras sábias tornaram mais fácil a compreensão dos

conceitos antropocêntrico e plutocêntrico de economia; e Flávio Chaves, que me abriu o mundo encantado da literatura.

Essa alegria também deve ser repartida com os professores Luís Dário da Silva, Luiz Alberto Miranda, Kleber Mendonça, Ib Ferreira Leite, Ana Maria Rodrigues de Lima, Paulo Barreto Coutinho, Frederico Teixeira Brandt, e Raimundo Machado, que apresentaram ou prefaciaram alguns de meus livros.

Quero também compartilhar minha alegria com Ana Verônica, Alessandra Calíope, Luiz Arrais, Carlos Sampaio de Alencar e, ainda, Lúcia Veras, que emprestaram seu talento para a concepção das capas de meus livros.

Nesse momento, um reparo.

Como bem disse, Rui Barbosa, "justiça atrasada não é justiça, senão injustiça qualificada e manifesta". Pois bem. É com esse sentimento que aproveito este momento para reparar a grave falta que foi cometida com a brilhante arquiteta Lúcia Veras que, embora tenha tido uma participação decisiva no eventual sucesso de meu primeiro livro, concebendo e diagramando a capa de "Os retirantes", ainda em 1986, não teve seu nome citado nos créditos a ele referidos.

E quero, ainda, compartilhar a alegria que sinto nesta noite com os amigos José Nivaldo Filho e Sérgio Dionízio, que, com sua sensibilidade, conseguiram projetar o espírito que inspirou o livro "O Moinho"; com Domício Coutinho, presidente da União Brasileira de Escritores nos EUA, e Lea Piedade, que escreveram a crítica sobre meu último romance, "O Attaché"; e, ainda, quero compartilhar com Arnaldo Affonso, que sempre apoiou meus projetos editoriais.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Venho cumprindo uma trajetória de alegrias, encarando a vida como o TESOURO de que nos fala Everaldo Moreira Veras "tão valioso que não deveria ser entregue ao homem sem luta para conquistá-la". Mas entendo que os obstáculos e dificuldades que surgem à nossa frente são provações de merecimento e não desafios ao inexorável. Deus sabe o que quer e não deixaria sua obra entregue ao acaso. Nesse sentido, o acaso não existe. Quando muito, existem situações que, por ignorância momentânea ou circunstancial, ainda se perdem no vasto campo das imprevisibilidades. De qualquer forma, a longa estrada que me trouxe até aqui e que me levará até meu destino, seja ele qual for, vem sendo apontada pelos bons amigos que me protegem e, tenho certeza, me levarão até a inevitável primavera. Estou convencido de que isoladamente somos frágeis para enfrentar as provações que o destino nos coloca à frente. Mas, se estivermos juntos e se cada um der o melhor de si nas coisas que faz, ganharemos a força necessária para superar os obstáculos e prosseguir na caminhada. Esse é o sentido da SOLIDARIEDADE SOCIAL de que nos fala D. Demétrio Valentini e Vasco Neto.

Assim é na vida. Assim é na literatura.

O autor apenas escreve o texto – peça central dos livros e que, por isso, recebe a luz dos holofotes. Mas, para ser editado, sua obra precisa ser completada pela ajuda de digitadores, diagramadores, capistas, editores, gráficos, etc. Quantos textos magníficos permanecem inéditos pela insuficiência do esforço coletivo necessário para a publicação dos livros.

Mais ainda.

Para serem eficazes, os livros precisam da participação decisiva do leitor, pois, como disse Augusto Meyer (1902-1970), “ler um livro é desinteressar-se a gente deste mundo comum e objetivo para viver noutro mundo” e se refere a um tapete voador no qual “só há lugar para dois passageiros: leitor e autor”. E nesse sentido, parodiando Carlos Nejar, afirmo que “O QUE MEUS AMIGOS SÃO, SUSTENTA O QUE EU NÃO SOU”. A vocês, meus amigos, meu reconhecimento e um quinhão da alegria que sinto neste momento mágico.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Meu ingresso na Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro coroa um processo iniciado ainda nos bancos escolares do velho e saudoso Colégio Marista, recentemente demolido na avenida Conde da Boa Vista.

Naquele tempo, sem os medos que atualmente corroem muitas vontades, oprimindo desejos, podíamos passear e olhar o rio Capibaribe, admirando sua beleza rude, marcada pela lama escura e pelo mangue, como, um dia, fez João Cabral de Melo Neto, para dizer que

“Aquele rio jamais se abre aos peixes,
ao brilho, à inquietação de faca que há nos peixes.
Jamais se abre em peixes.
Abre-se em flores pobres e negras como negros”.
“Abre-se numa flora suja e mais mendiga como são os mendigos negros.
Abre-se em mangues de folhas duras e crespos como um negro”.

Aquele era um tempo de mais pureza. Ingenuidade, talvez. Mal compreendia a profundidade dos ensinamentos do Pe. Henrique ou o que lhe acontecera dias mais tarde. No colégio, fora o olhar severo e sempre compreensivo do Irmão Orlando Cunha, não tinha mais nada a temer. Era uma vida de estudos e brincadeiras juvenis, criando e reforçando amizades que duram até hoje. Ao deixar o Colégio Marista, com aquela “lágrima branca e pura”, que, no dizer de Pereira de Castro, “sempre há atenta em nossos olhos”, ingressei no Centro de Tecnologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Como muitos amigos de então, estudaria engenharia civil. Mal entrara para a faculdade, o chamado da nação. E, com orgulho, entrei para o CPOR, onde prestei meu serviço militar obrigatório. A começar pelo então coronel, hoje general Alberto Evilázio de Barros Gondin, conheci novas pessoas, fiz novos amigos, vivi novas histórias. Mais um ano, já fora do quartel, pude me dedicar ao curso de engenharia e à política estudantil.

Aquele foi um tempo em que experimentei muitas contradições, pois, se, em casa, tinha um pai general e uma mãe extremamente cuidadosa, nas ruas e na escola tinha o

dever cívico de lutar pela redemocratização do país. Uma luta que cada um lutava como podia e como conseguia.

O tempo passa, faz cicatrizar feridas, mas não apaga as alegrias vividas no passado.

Hoje, ao rever amigos cuja amizade remonta àqueles tempos, trago à mente a poesia de Félix Pacheco que, num de seus contumazes laivos de brilho, nos disse que

“São sempre iguais na idade os deuses e as quimeras.
O poeta é um deus também. Pertence-lhe o infinito.
Perdido na amplidão sempiterna do mito,
fica de todo alheio ao desfilar das eras”.

Minhas senhoras e meus senhores,

Meu início como escritor, se é que me posso chamar assim, foi uma obra de amigos. De análises políticas e panfletos estudantis, passei a escrever crônicas desinteressadas e pequenos ensaios. Naquela época jamais passara pela minha cabeça publicar qualquer um deles. E meus escritos teriam permanecido eternamente inéditos se não fosse o providencial conluio do bem que uniu João Pinheiro Lins e João Eduardo Rosas Monteiro para me convencer a publicar “Os retirantes” – uma análise sociológica das migrações nordestinas que, naquele tempo, buscava o Eldorado em São Paulo. Foi uma estréia silenciosa. Bem ao meu estilo.

Com o primeiro exemplar nas mãos, experimentei uma sensação de vitória que confirmava Valentim Magalhães em “A grande estréia”, pois tinham “terminado as torturas inenarráveis do ineditismo, os labores, as angústias inominadas do autor *in partibus*, [que tem] o cérebro atulhado de livros imortais... e nenhum na rua”.

Com a publicação de “Os retirantes” escapara da tristeza que acometera Karl Marx ao ver seu livro “A ideologia alemã” sem editor e, no seu dizer, “entregue a crítica roedora dos ratos”. Foi uma bela estréia. Sem festas, mas com uma inesquecível sensação de realização. O conteúdo razoavelmente bem articulado, empurrado por magníficas recomendações de Pinto Ferreira e Sebastião Campello, ícones da cultura nacional, me abriu as portas daquilo que Marcus Prado chamou de “estudos avançados em economia e sociologia do Nordeste”.

Depois da estréia, novo mergulho.

Ao tempo que cuidava do dia-a-dia, inclusive organizando um partido político – o partido solidarista –, tratei de escrever. Escrevi tudo o que minha velha Lettera 22 suportou. Muito mais para organizar as idéias que inspiravam o novo partido do que mesmo para atender a qualquer sonho editorial. Não era hora de publicar. Só de escrever.

Naquele momento estava pensando como Cassiano Ricardo quando escreveu “A rua”:

Bem sei que muitas vezes o único remédio é adiar tudo.
É adiar a sede, a fome, a viagem, a dívida, o divertimento, o
pedido de emprego ou a própria alegria.

E, como Cassiano, convicto de que “a esperança é também uma forma de contínuo adiamento (dos sonhos)”, soltei a pena, colocando no papel todas as idéias que me inspiravam naquele momento.

Aquele mergulho intelectual desembocou na campanha eleitoral de 1989, quando, coroando a primeira etapa da construção do partido solidarista, tive a honra de disputar o governo do estado, divulgando o ideal do solidarismo.

Passada a eleição era hora de voltar a publicar.

Retendo livros que fazem abordagens polêmicas a temas excessivamente sensíveis e também duas comédias baseadas em fatos reais, e que, por isso mesmo, permanecem inéditas, comecei a publicar parte a obra escrita naquele tempo.

“A inevitável primavera”. “Teoria do valor”. “O ato de produção”. “Economia e poder”. “O fim do ciclo liberal”. “O direito ao trabalho remunerado”. “A opção decisiva”. “O desenvolvimento integrado dos campos”. “O Brasil para todos”. Os livros da série Em debate.

Todos livros sobre política e economia. Temas sobre os quais me sinto mais à vontade.

Pouco depois, diante da necessidade de aparelhar meus alunos com literatura científica mais aplicada às realidades do país e da região, escrevi e publiquei uma série que recebeu a referência geral de CURSOS BÁSICOS, incluindo livros de Administração de Materiais, Matemática financeira, Avaliação Financeira de Projetos de Investimento e Administração de pequenas empresas em tempos de crise.

Enquanto isso, mesmo sem ter feito ainda nenhuma incursão no mundo mágico da literatura artística, limitando meus escritos ao universo das ciências política, econômica e administrativa, recebi o honroso convite de Flávio Chaves para ingressar na secção pernambucana da União Brasileira de Escritores.

Sob o comando de Flávio, cumpri algumas missões que me encheram de alegria, inclusive a tarefa de ajudar o brilhante escritor Domício Coutinho a organizar a UBE nos Estados Unidos, no primeiro dia deste século.

Na UBE, travei, então, um contato direto com a literatura artística. À leitura se somou o convívio com os escritores que freqüentam aquela casa.

Com uma ponta de inveja daqueles maravilhosos romancistas, cronistas, contistas, ensaístas e poetas, resolvi ingressar no círculo fantástico da literatura artística.

Escrevi, então, “O MOINHO”, cujo lançamento nos aprazíveis jardins da editora Bagaço, se converteu numa grande festa que reuniu, além de intelectuais e amantes das artes, centenas de amigos, inclusive dos tempos do Marista, Centro de Tecnologia e CPOR.

Quanta alegria! Quanta satisfação!

Depois de “O MOINHO” e antes de me dedicar com afinco à Revista “O SOL”, publiquei mais alguns livros, inclusive a comédia “O Attaché”, que teve sua primeira parte

escrita integralmente em Nova York, no período em que, na condição de seu hóspede, ajudei Domício Coutinho a organizar uma secção da UBE nos EUA.

No dizer de José Américo de Almeida, "há muitas formas de se dizer a verdade [e] talvez a mais persuasiva seja a que tem forma de mentira".

Seguindo os ensinamentos de José Américo, quando formatei o romance "O MOINHO" usei alguns dos elementos básicos da ação e do suspense – poder e dinheiro –, e salpiquei um enredo intrigante com informações sobre a natureza e a forma como hoje se desenrola a velha luta pelo poder que anima a história da humanidade.

A armadilha deve ter dado certo, pois, poucos dias após o lançamento do livro, em meio à gargalhada que o torna mais encantador, Laudemiro Telino de Lacerda elogiou "O MOINHO" dizendo:

"Alexandre, você é o maior mentiroso que eu conheço!"

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Assumo a Cadeira de número 27 da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro com a responsabilidade de suceder José Wamberto, cujo desaparecimento também desfalcou as Academias Pernambucana de Letras e Brasiliense de Letras.

José Wamberto é um desses homens que desaparecem, mas não se vão, pois sua presença está sempre viva entre nós, preenchendo lacunas de alegria, entusiasmo e fidalguia.

José Wamberto não foi uma dessas pessoas que marcam sua passagem apenas por uma impressionante carreira de sucesso como profissional de imprensa ou como homem público.

Além de uma obra intelectual de significativa importância para a compreensão da história recente do país, José Wamberto impregnou sua vida com o toque suave e inesquecível da gentileza e da cortesia, tendo sempre uma palavra de incentivo aos mais jovens, procurando garantir-lhes oportunidades como se nisso pudesse livrá-los das durezas que precisou enfrentar no início de sua carreira vitoriosa.

Nascido em Agrestina em 14 de fevereiro de 1915, José Wamberto Pinheiro de Assunção cumpriu uma trajetória ímpar, que o levou do agreste pernambucano aos mais altos escalões do país, inclusive à Presidência da República.

Filho de Eliza e Artur Matulino, José Wamberto cursou os estágios primário e secundário no Ginásio de Caruaru. Na seqüência, ao tempo que dava seus primeiros passos na longa e bem sucedida vida pública, José Wamberto ingressou na Faculdade de Direito do Recife.

Seu avanço nos estudos universitários, no entanto, não se desenrolou conforme planejado.

A necessidade, o ingresso prematuro na vida pública e o amor à terra natal o prenderam em Agrestina, retardando a conquista do diploma de Bacharel em Direito, o que só aconteceu em 1944.

Naquela época, José Wamberto, então com 29 anos, já carregava um vasto cabedal de experiências no serviço público e no mundo das letras, tendo sido secretário municipal e adjunto de promotor público em Agrestina, prefeito em Altinho e, ainda, tendo fundado os periódicos "O Ginásio" e "A voz de Bebedouro".

Embora importante, o diploma de Bacharel em Direito não funcionou como um condão mágico que lhe abriria as portas desejadas e José Wamberto enfrentou dificuldades no Recife.

Bancário e colunista da Gazeta de Alagoas, em Maceió, e do Diário do Nordeste, no Recife, José Wamberto precisou voar mais alto e, sem alternativa, como tantos outros, seguiu para o Rio de Janeiro e, de lá, para São Paulo.

Seu brilho pessoal foi, então, decisivo para uma corrida célere rumo ao sucesso.

O faro para a notícia e a pena inteligente lhe garantiram uma posição de destaque na redação de alguns dos principais jornais do país – Folha de S.Paulo, Vanguarda, Diário de Notícias e O Estado de S. Paulo –, numa carreira que, tendo passado pela presidência do Comitê de Imprensa da Câmara dos Deputados, entre 1959 e 1961, o levou à Chefia da Imprensa da Presidência da República, em 1967.

Ao tempo que galgava novos patamares no mundo do jornalismo, José Wamberto viveu uma impressionante carreira no serviço público, tendo sido Procurador do Instituto do Açúcar e do Alcool, onde chegou a exercer a vice-presidência; Chefe da Representação de Pernambuco no Estado da Guanabara; e Conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal.

Em meio a sua vida ativa no serviço público, José Wamberto representou o país em várias missões no exterior, inclusive na 44ª Conferência da União Interparlamentar, em Helzinky, na Finlândia, e nos Estados Unidos, onde funcionou como Observador Internacional, nas eleições presidenciais de 1967.

As destacadas contribuições que José Wamberto prestou ao serviço público do país e às boas relações internacionais foram reconhecidas em marcos indelévels, traduzidos nas inúmeras condecorações que recebeu, inclusive a

Comenda de Grande Oficial da Ordem do Mérito da República Federal Alemã (em 07 de maio de 1964);

Comenda de Grande Oficial da Ordem de Brasília (em 21 de abril de 1971);

Comenda da Ordem do Mérito Rio Branco (em fevereiro de 1967);

Comenda da Ordem do Mérito do Senegal (em 09 de setembro de 1965);

Comenda da Ordem de Leopoldo III, do Reino da Bélgica (em 09 de novembro de 1965);

Comenda da Ordem do Mérito do Grão Ducado de Luxemburgo (em 19 de setembro de 1965);

Comenda da Ordem Soberana Militar de Malta (em 27 de outubro de 1966); e

Medalha da Ordem do Mérito do Recife (em 24 de fevereiro de 1972).

A vida literária de José Wamberto foi igualmente marcante.

Além da Cadeira que hoje assumo na Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, José Wamberto também ocupou as cadeira de número 31 da Academia Pernambucana de Letras e de número 15 da Academia Brasileira de Letras.

Na vasta obra deixada por José Wamberto, destacam-se os livros "Memorial de Pernambuco", lançado no Salão Nobre do Senado, em 10 de outubro de 1984, "Fundamentos Filosóficos e Estéticos do Simbolismo", sobre a Poesia de Cruz e Souza, que o antecedeu na Academia Brasileira de Letras, e, ainda, "Castelo Branco: Renovação e Democracia", com o qual, ao lado do jornalista Carlos Castelo Branco, tornou-se o grande biógrafo do ex-presidente Humberto de Alencar Castelo Branco.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A cadeira de número 27, que José Wamberto ocupou e que, hoje, tenho a honra de assumir, tem o alto patrocínio do professor, jornalista, crítico literário, ensaísta e diplomata Álvaro Lins.

Álvaro Lins, que ocupou a Cadeira de número 17, na sucessão de Roquette-Pinto, na Academia Brasileira de Letras, em 1956, nasceu em Caruaru em 14 de dezembro de 1912 e desapareceu no Rio de Janeiro em 16 de junho de 1975, deixando um currículo que orgulha todos os pernambucanos.

Filho de Francisca e Pedro Alexandrino, após fazer os estudos primários em Caruaru, Álvaro Lins veio para o Recife, onde cumpriu os estudos secundários nos Colégios Salesiano e Padre Félix.

Pouco depois de seu ingresso na Faculdade de Direito, já na condição de representante do Diretório Acadêmico, ganhou a atenção dos meios políticos e jornalísticos do Estado com a conferência "A Universidade como escola de homens públicos", proferida para recepcionar os novos calouros da Faculdade. Antes de colar grau em Direito, em 1935, já dava seus primeiros passos no jornalismo no Diário de Pernambuco.

De vida política ativa, o jovem bacharel Álvaro Lins passou a integrar o secretariado do governo de Pernambuco e teria disputado uma cadeira para a Câmara dos Deputados se não fosse o golpe de 1937. Firmou-se, então, no jornalismo, como redator e diretor do Diário da Manhã.

Dois anos mais tarde seguiu para o Rio de Janeiro, onde se especializou na crítica literária, gênero que lhe deu renome nacional, tendo sido colaborador do Suplemento Literário do Diário de Notícias e dos Diários Associados (1939-1940).

Do Diário de Notícias, transferiu-se para o Correio da Manhã, onde durante anos foi seu redator-chefe.

Possuidor de uma apurada técnica de redação, Álvaro Lins sempre foi muito solicitado.

Ainda em 1940, mal assumira a chefia da redação do Correio da Manhã, Álvaro Lins foi convidado pelo ministério das Relações Exteriores para escrever uma biografia do Barão do Rio Branco.

Tocou, sem problemas, os dois projetos.

No ano seguinte, ao tempo que escrevia a biografia de Rio Branco e controlava a redação do Correio, Álvaro Lins ingressou no magistério, tendo assumido a cátedra de Literatura Brasileira do Colégio Pedro II.

Entre 1952 e 1954, cumprindo missão oficial do Ministério das Relações Exteriores, Álvaro Lins lecionou a cadeira de Estudos Brasileiros da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Lisboa.

De volta ao Brasil, dois anos mais tarde, Álvaro Lins foi convidado pelo presidente Juscelino Kubitschek para assumir o cargo de ministro-chefe da Casa Civil, função que exerceu até novembro de 1956, quando assumiu a Embaixada do Brasil em Portugal.

Na carreira diplomática, Álvaro Lins foi igualmente dinâmico.

Após deixar a embaixada, em 1960, Álvaro Lins presidiu a 1ª Conferência Inter-americana da Anistia para os Exilados e Presos Políticos da Espanha e de Portugal e, em 1962, chefiou a Delegação Brasileira ao Congresso Mundial da Paz realizado em Moscou.

Álvaro Lins nos brindou com uma obra exuberante, na qual se destacaram os seguintes livros:

História literária de Eça de Queirós, publicado em 1939, pouco antes de se transferir para o Rio de Janeiro;

Alguns aspectos da decadência do Império, publicado em 1939;

Poesia e personalidade de Antero de Quental, publicado em 1942;

Rio Branco (O Barão do Rio Branco 1845-1912), publicado em 1945;

A técnica do romance em Marcel Proust, tese que lhe garantira a cobiçada cátedra no Colégio Pedro II, em 1956;

Roteiro literário do Brasil e de Portugal, em co-autoria de Aurélio Buarque de Holanda, publicado em 1956;

Missão em Portugal (Diário de uma experiência diplomática), publicado em 1960;

A glória de César e o punhal de Brutus, publicado em 1962;

Os mortos de sobrecasaca, publicado em 1963;

Literatura e vida literária, publicado em 1963;

O relógio e o quadrante, publicado em 1964;

Sagas literárias e Teatro moderno no Brasil, publicado em 1967;

Filosofia, história e crítica na literatura brasileira, publicado em 1967;

Poesia moderna do Brasil, publicado em 1967;

O romance brasileiro, publicado em 1967; e

Teoria literária, publicado em 1967.

Em reconhecimento à qualidade da sua vasta obra literária, Álvaro Lins recebeu muitos prêmios, inclusive

o **Prêmio Centenário de Antero de Quental**, pelo ensaio Poesia e personalidade de Antero de Quental, em 1942);

o **Prêmio Felipe de Oliveira**, da Sociedade Felipe de Oliveira, e Prêmio Pandiá Calógeras, da Associação Brasileira de Escritores, pela obra sobre Rio Branco, em 1945);

o **Prêmio Jabuti Personalidade do Ano**, da Câmara Brasileira do Livro, pela sua obra Missão em Portugal, em 1960,

e o **Prêmio Luiza Cláudio de Souza**, pela obra "Os mortos de sobrecasaca", em 1963.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Ao ser estimulado por William Ferrer para disputar a cadeira 27 da Academia, o vi como o bom feiticeiro na poesia de Pontes de Miranda.

Eu te convido ao meu covil de feiticeiros,
onde borbulha o ouro,
o ouro liquefeito,
o ouro espumante das paixões,
e as chamas das idéias giram,
sobem o ar, coleantes, lambendo o sangue das paredes.
Aqui na iluminada escuridade,
eu manipulo, com meus passes originais,
com o dinamismo interior,
os rútilos cristais de um Pensamento plácido,
de uma Forma tranqüila.

Tenho a sorte de ingressar na Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro no ano de seu 25º aniversário. Tempo suficiente para a definição de um formato próprio, que a torna diferente das demais.

A academia congrega pessoas cuja arte se relaciona à literatura, dramaturgia, música e artes plásticas em reuniões itinerantes mensais, como que renovando sua homenagem às Musas das Artes, conforme pensara Platão, ainda em 387 a.C.

A mobilidade da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro oferece um sabor de surpresa a cada reunião, dando encanto e magia aos encontros, qual um caleidoscópio de arte, cujo brilho aumenta a cada mês com

O COMANDO POÉTICO DE Bernadete Serpa, Ana Maria César, William Ferrer e Cloves Marques.

A INVULGAR ORATÓRIA DE Waldênio Porto

A MÚSICA DE Erik Dayan,

OS ENSINAMENTOS DE Dirceu Rabelo

A POESIA DE Alvacir Raposo, Flávio Chaves, Luis de Freitas, Lourdes Sarmento, Verônica Nery, Tereza Tenório, Selma Vasconcelos, Alberto da Cunha Melo, Carlos Cavalcanti, Odile Cantinho, Esther Camurça, Margarida Matheus, Maria Valdez de Freitas Leite, Laudemiro Telino de Lacerda Elizabeth Brandt, Rosa Lia Dinelli e Telma Brilhante

OS MAGNÍFICOS CONTOS DE José Nivaldo, Everaldo Moreira Veras, Olímpio Bonald, Milton Lins, Perseu de Castro Lemos, Djanira Silva, José Wanderley, Edna Alcântara e Leny Amorim

A ARTE PLÁSTICA DE Wilton de Souza e Nazareh Gouveia

OS HAI KAIS e POEMAS DE Lúcio Ferreira

AS OBSERVAÇÕES DE Abdias Moura, Lucilo Varejão Neto e Vital Correia de Araújo

A ARTE QUE VEM DE Dulcinéia e Reinaldo de Oliveira e Geninha da Rosa Borges

A CORTESIA DE Geyde Costa Victor, diretora desta Casa.

A INSPIRAÇÃO QUE VEM DE Waldemar Lopes, Bartyra Soares, Pelópidas Soares, Luzilá Ferreira Gonçalves, Amílcar Dória Matos, Nicolino Limongi, Zuleno Pessoa, Zilda Crisóstomo, Jarbas Maranhão, José Rafael de Menezes, Manoel Rafael Neto, Lygia de Souza Leão, Manoel Correia de Andrade, Nelson Saldanha, Walter da Rosa Borges, Fernanda D'Oliveira, Manoel de Barros Lima, Marcus Prado, os irmãos Waldemir e Ronildo Maia Leite, Francisco Bandeira de Melo, Mário Márcio, Cyl Galindo, Luiz Gonzaga Lopes, Aluizio Furtado de Mendonça, Cláudio Aguiar, Jamerson Ferreira Lima, Maria Luciene Freitas e Ayrton Bayma.

É a esse grupo de luz, brilho e fogo que eu me junto hoje.

Tomarei a carruagem encantada para a qual o céu é sempre estrelado.
Ouvirei o eterno canto das musas, tocando a suave brisa da aurora.

Degustarei todos os momentos da vida, cantando o mar, a chuva e os rios,
voando até onde alcança o pensamento, pois,
para um homem que tem um sonho,
não existe tempo, nem distância,
só esperança e fé.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Nesses tempos difíceis, marcados notadamente pela infâmia da potência hegemônica, **repressão**, agressão, **invasão** e ocupação são realidades que se incorporam ao cotidiano do planeta, ganhando maior força nos países pobres, especialmente naqueles ricos em petróleo.

Numa escala global, a conspiração da ambição com valores reacionários pretende restaurar o clima vivido nos séculos XIII, XIV e XV, no qual, em nome de uma ridícula necessidade de uniformizar o modo de pensar da humanidade, ajustando-o aos padrões culturais ocidentais, se empreende uma Nova Cruzada contra os Muçulmanos, lançando o odioso Choque de Civilizações do qual nos fala Lyndon LaRouche, de conseqüências sempre imprevisíveis.

Numa outra manifestação do mesmo egoísmo que, no fundo, inspira a Nova Cruzada, os ricos de todo o planeta se enchem de precauções para manter e ampliar suas riquezas, criando novos mecanismos de defesa contra aqueles que julgam seus inimigos naturais – os pobres, que vítimas de uma luta desigual ficam cada vez mais pobres, arrastando consigo a classe média, que se pauperiza a cada dia.

Em conseqüência dessa situação, explode a violência nos campos e nas cidades por todo o planeta, fazendo surgir ou reforçar um sentimento estúpido de preconceito.

Cristãos desconfiam dos Muçulmanos. Muçulmanos desconfiam dos Cristãos. Ricos temem os pobres. Pobres temem os ricos. Nas ruas, evitamos os desconhecidos, alimentando uma atitude neofóbica, que enclausura a alma. Tememos até as crianças, já referidas pejorativamente de "Trombadinhas".

Que mundo é esse?

Na realidade, o confronto da luta pela sobrevivência de uns com a ânsia de mais poder e riqueza de outros estabelece um regime de disputa, muitas vezes fratricida, como aquele que envolveu Caim e Abel, levando a que muitos creditem esse estado de violência à própria natureza humana.

Falando sobre a origem da escravidão, Miguel Couto (1865-1934) afirmou que "o homem é um animal maligno como todos os animais". E foi mais adiante, afirmando que "viver é fazer o mal". De sua parte, dando um caráter mais político a questão, João Francisco Lisboa (1812-1863) lembrou que "desde a origem do mundo, o bem e o mal estão em luta incessante e permanente pelo seu domínio".

Mas... O que é o bem? O que é o mal? Quem tem razão?

Surge, então, uma questão valorativa que, por si só, possui o potencial explosivo de acirrar, ainda mais, o clima de disputa, fazendo surgir novos focos de violência.

Não cabe ao artista determinar os juízos de valor que vão definir essas questões. Afinal de contas, tendo ruído seu conceito absoluto, a VERDADE vem sendo admitida como uma abstração que pode ser alterada de acordo com o homem, o lugar e o momento, segundo as circunstâncias e os interesses. No dizer de Eduardo Portella (1932-), “compreender a verdade é localizar-se no interior de seu jogo e acompanhar a sua dinâmica interna”. Em termos globais, o JOGO ao qual se refere Eduardo Portella é a própria vida. Mas, como bem alertou Clementino Fraga (1880-1971), a tarefa de compreender a vida oferece resultado “vário e dúbio”. Nessa perspectiva, qualquer um pode estar com a verdade.

Não é outra, minhas senhoras e meus senhores, a razão da crescente importância que o controle da mídia vem assumindo nos últimos tempos.

O papel decisivo que a comunicação de massa pode exercer na definição da VERDADE e, portanto, do Bem e do Mal, colocou a palavra e a linguagem no eixo que move a eterna luta pelo poder, de que nos falou Lisboa. É nesse ponto que as academias de letras e artes oferecem uma grande contribuição ao resgate e preservação da harmonia social e beleza do viver.

As academias são fóruns em que se discute literatura. Servem, portanto, como instrumento de divulgação e preservação da língua.

Isso não quer dizer, evidentemente, que as academias coloquem a língua sob ferros, impedindo sua evolução. Em verdade, a língua muda, pois, como ensinou Celso Cunha (1917-1989), sendo uma criação da sociedade, a língua “não pode ser imutável, tem de viver em perpétua evolução, paralela a da organização cultural que a criou”. As mudanças que ocorrem na língua, no entanto, não podem violar alguns limites. As palavras não devem ser manipuladas para atender a interesses espúrios. Não devem ser usadas de forma irresponsável para que assumam significados diversos dos seus, de modo a confundir as pessoas em sua boa fé.

A bela palavra LIBERDADE, por exemplo, que significa o oposto de cativo, indicando o direito das pessoas fazerem ou de não fazerem aquilo que esteja ao seu gosto, não pode ser usada em contextos limitados ou para designar a condição de pessoas cativas, acorrentadas pelas angústias da vida.

É crime de falsidade, uma espécie de estelionato lingüístico, usar a palavra LIBERDADE para designar guerra de conquista, invasão, morte, genocídio, ocupação.

Ao divulgar a boa literatura, seja ela de que gênero for, as academias se transformam em trincheiras de defesa da língua, desestimulando a ação dos salteadores da palavra.

O funcionamento das academias possibilita a livre expressão artística e cultural do povo e, nesse sentido, assume a condição de importante bastião de defesa da democracia e do bom relacionamento entre as pessoas.

Precisamos valorizar as artes, de modo geral, e a literatura, de modo específico, para aumentar a resistência da sociedade contra as manipulações da palavra e da língua.

A literatura, como bem disse Afrânio Peixoto (1876-1947) é o "sorriso da sociedade" e, como tal, deve ser uma expressão da felicidade social e, em última instância, do amor coletivo.

Muito obrigado!